

## A ESCOLA HISTÓRICA ALEMÃ DE ECONOMIA POLÍTICA

**Autoria:** Lucas Cardoso Corrêa Dias \*

Os postulados teóricos iniciados pelos fisiocratas, e em seguida desenvolvidos e sistematizados por Adam Smith e David Ricardo, não foram, por assim dizer, plenamente aceitos pelos intelectuais de toda Europa ocidental. Um dos locais em que as tendências teórico-metodológicas britânicas foram mais fortemente combatidas foi o mundo germanófono, especialmente na ainda não unificada Alemanha, que, antes mesmo dos próprios britânicos e com certo pioneirismo, já tinha a ciência econômica institucionalizada por meio da disciplina *Staatswirtschaft*, que tinha como especificidade suas raízes no cameralismo alemão (STREISSLER & MILFORD, 1993). Por conta dessa tradição prévia, as ideias econômicas anglófonas foram assimiladas com certas ressalvas pelos autores alemães do período, que argumentavam contra o “cosmopolitismo” das teorias citadas.

Friedrich List, por exemplo, rejeitava o receituário de abertura comercial defendido por Smith e Ricardo por acreditar que países em estágios anteriores de desenvolvimento econômico deveriam adotar políticas protecionistas para, após alcançarem o mesmo estágio dos seus pares, desfrutarem das benesses do *laissez-faire*, como preconizavam os economistas clássicos. Tribe (2007) salienta que a abordagem de List, contudo, era considerada pouco acadêmica e servia mais aos interesses de unificação e desenvolvimento econômico alemão da época.

O que marcou, de fato, a criação de um esforço teórico e metodológico de se construir uma ciência econômica em bases mais “realistas”, sem a figura do homem auto-interessado sendo tomada como lei universal, foi a publicação do *Grundriss* de Wilhelm Roscher, em 1843, que é considerado o mar-

co fundador da chamada Escola Histórica Alemã de Economia<sup>1</sup> (STREISSLER & MILFORD, 1993). Roscher, influenciado pelo desenvolvimento da Escola Histórica Alemã de Jurisprudência<sup>2</sup>, embora apresente algumas influências da economia política clássica (STREISSLER & MILFORD, 1993), representa claramente um rompimento com a tradição econômica alemã anterior<sup>3</sup> no que concerne ao método da economia política. Roscher rejeita a ideia de comportamento essencialmente individualista dos agentes econômicos e sustenta que através da história das civilizações as regularidades no desenvolvimento das nações seriam reveladas, e esse seria, por fim, o objetivo da ciência econômica (ROSCHER, 1878[1854]).

As concepções de Roscher acerca do escopo e método da economia política, segundo Veblen (1901), se tornaram dominantes na Alemanha da época, o que gerou uma nova tradição no tratamento do tema pelos teóricos do mundo germanófono. Entre esses teóricos, Karl Knies e Bruno Hildebrand, juntamente com Roscher formaram o que ficou conhecido como Velha Escola Histórica. Contudo, embora sejam tratados como uma primeira geração da Escola Histórica Alemã, Betz (1995) mostra as diferenças entre o escopo e os métodos utilizados por Roscher, Knies e Hildebrand na economia política, evidenciando a heterogeneidade desse grupo de autores, como precon-

1 Hodgson (2001), contudo, credita o início da Escola Histórica Alemã à publicação, em 1841, do *National System of Political Economy*, de Friedrich List.

2 Muito provavelmente em virtude de seu contato com Savigny, principal expoente dessa escola, nos tempos universidade (PRIDDAT, 1995).

3 Tomamos como referência as produções teóricas de Rau e Hermann (STREISSLER & MILFORD, 1993).

\*Graduando em Ciências Econômicas pela FACE/UFMG e bolsista do PET-Economia.

zam Schumpeter (1954) e Tribe (2007). Ao contrário dessa primeira geração, a chamada Nova Escola Histórica liderada por Gustav Schmoller, se mostrou mais coesa teórico e metodologicamente e, de acordo com Streissler e Milford (1993), pode ser considerada uma escola de pensamento econômico.

Schmoller é o principal autor da tradição historicista em economia política e um dos maiores cientistas sociais alemães da segunda metade do século XIX. Tal proeminência conferiu a Schmoller papel de destaque no meio acadêmico de seu país. Hutchison (1988) salienta que o autor controlava a indicação de cargos nas universidades alemãs, e isso também garantia a supremacia do método histórico em solos germânicos durante esse período. Além disso, Schmoller - dentre outros - tinha como preocupação central as mudanças sociais provocadas pela industrialização tardia e acelerada da Alemanha. Para discutir e propor soluções para essas questões é fundada, em 1872, a Verein für Sozialpolitik, espécie de associação de cientistas sociais que se debruçava sobre tais questões da qual Schmoller foi o fundador e principal nome da época.

Schmoller, contudo, é mais famoso entre os economistas contemporâneos pelo seu debate metodológico com Carl Menger, um dos proponentes da revolução marginalista e considerado fundador da Escola Austríaca de Economia, do que pela sua produção teórica propriamente dita. No que ficou conhecido como Methodenstreit, Menger e Schmoller gladiaram acerca do método mais apropriado para a ciência econômica. Enquanto Menger advogava que os fenômenos econômicos eram erguidos a partir das economizing actions dos agentes individuais (CALDWELL, 2005)<sup>4</sup>, Schmoller defendia a especificidade histórica e complexidade do comportamento humano, que só poderia ser realmente entendido através de um minucioso estudo empírico, por meio da história, que levasse em

4 "Most of the time, however, I will use the term compositive to describe Menger's methodological approach. [...] Compositive emphasizes that social phenomena like exchange or market valuation are built up or composed from economizing actions of individual agents and, thus, nicely captures the method that Menger employs." (CALDWELL, 2005, pp. 22 - 23)

consideração aspectos éticos, culturais, geográficos e tantos outros fatores que fizeram Schumpeter (1954) dizer que nada no "cosmo ou caos social" escapa à economia schmolleriana.

Entre as avaliações da Methodenstreit que buscam estabelecer um vencedor para a disputa, esse vencedor é, na grande maioria das vezes, Menger (BOSTAPH, 1978). O economista austríaco, mais próximo à ortodoxia metodológica compreendida pelo método hipotético-dedutivo de John Stuart Mill, tem hoje muito mais simpatia dos economistas do que o autor alemão. Boa parte da argumentação schmolleriana, por outro lado, acabou se tornando objeto de síntese por obra de uma série de autores, dando origem, por exemplo, à sociologia econômica e ao programa de pesquisa de Schumpeter (SHIONOYA, 2005). Isso, de certa forma, gerou um distanciamento em relação ao programa de pesquisa original de Schmoller, e, a nosso ver, autores posteriores como Sombart, Weber e Spiethoff, embora sejam classificados como uma Novíssima Escola Histórica (SHIONOYA, 2005), muito se distanciam de Schmoller, o principal nome entre todos os representantes da Escola Histórica Alemã.

Embora tenha sido a principal corrente teórica da economia política alemã na segunda metade do século XIX, a Escola Histórica hoje é negligenciada a ponto de ser esquecida no estudo da ciência econômica (HODGSON, 2001). Os debates metodológicos, tanto com Menger (na Methodenstreit) quanto com Weber<sup>5</sup> (Werturteilsstreit) acabaram por estigmatizar o principal expoente da Escola Histórica, Gustav Schmoller. Esse estigma se estendeu por toda a tradição historicista no âmbito da economia política, e hoje, a contribuição teórica desses autores é tratada com um menor grau de importância, principalmente a de Schmoller, que ficou marcado pelos debates supracitados como um autor avesso à teoria (em virtude da Methodenstreit) e partidário do uso de juízos de valor

5 Weber, em meio à sua defesa da objetividade das ciências sociais, faz uma crítica a Schmoller ao acusá-lo de não ser neutro axiologicamente. O debate entre Schmoller e Weber acerca da neutralidade ou não neutralidade axiológica nas ciências sociais ficou conhecido como Werturteilsstreit (CUNHA, 2014).

no campo das ciências sociais (em virtude da Werturteilsstreit).

Entretanto, tais avaliações a respeito da Methodenstreit podem ser vistas como rasas simplificações da posição do historicista alemão, como bem nos mostram Schumpeter (1954) e Shionoya (2005). Schmoller, ao contrário do que comumente se pensa, tinha como fim último de seu método histórico a construção de uma teoria propriamente dita e de modo algum pretendia excluir a dedução da economia política, e sim aumentar o papel relativo da inferência indutiva (SCHMOLLER, 1905).

A despeito disso, os esforços teórico e metodológicos não só de Schmoller, mas como de todos os demais autores da Escola Histórica Alemã merecem destaque por três razões principais. A primeira e mais óbvia é que esse grupo de autores representou um importante contraponto à metodologia da economia política clássica, principalmente no que concerne à possibilidade de formulação de leis gerais, válidas universal e atemporalmente, sobre o funcionamento dos sistemas econômicos. Em segundo lugar, faz-se necessário salientar a influência das ideias historicistas para a construção do pensamento de Max Weber e da importância da Verein für Sozialpolitik para a institucionalização da então incipiente disciplina da sociologia (TRIBE, 2007). Por último, vale ressaltar a larga influência de Schmoller tanto no âmbito teórico quanto nas políticas econômicas alemãs durante a segunda metade do século XIX e início do século XX. Segundo Caldwell (2001, p. 653), Schmoller é considerado o principal culpado pela falha na construção de uma teoria econômica propriamente alemã e, pelo menos em parte, pela hiperinflação vivida na Alemanha do pós-guerra.

#### SUGESTÕES DE LEITURA

SHIONOYA, Yuichi (2005). "Rational Reconstruction of the German Historical School: An Overview". in: \_\_\_\_\_. *The Soul of the German Historical School: methodological essays on Schmoller, Weber and Schumpeter*. 1<sup>st</sup> ed. Boston: Springer.

STREISSLER, Erich; MILFORD, Karl (1993). "Theoretical and Methodological Positions of German Economists in the Middle of the Nineteenth Century", *History of Economic Ideas*, v. 1/2 n. 3/1, pp. 43 - 79.

TRIBE, Keith (2007). "Historical Economics, the Methodenstreit, and the economics of Max Weber" in: \_\_\_\_\_. *Strategies of Economic Order: German Economic Discourse, 1750 - 1950*, pp. 66 - 94.

**REFERÊNCIAS**

BOSTAPH, Samuel (1978). "The Methodological Debate between Carl Menger and the German Historicists", *Atlantic Economic Journal*, vol. 6 September, pp. 3 – 16.

CALDWELL, Bruce (2001). "There Really Was a German Historical School of Economics: A Comment on Heath Pearson", *History of Political Economy*, v. 33, n. 3, pp. 649 - 654.

CALDWELL, Bruce (2005). *Hayek's Challenge: An Intellectual Biography of F. A. Hayek*. Chicago: The University of Chicago Press.

HODGSON, Geoffrey M. (2001). *How Economics Forgot History: The problem of historical specificity in social science*. 1<sup>st</sup> ed. London: Routledge.

HUTCHISON, Terence W. (1988). "Gustav Schmoller and the Problems of Today", *Journal of Institutional and Theoretical Economics*, n. 144 v. 3, pp. 527 – 531.

ROSCHER, Wilhelm (1878). *Principles of Political Economy*. New York: Henry Hold & Co.

SCHMOLLER, Gustav (1905). *Política Social y Economía Política: cuestiones fundamentales*. Tradução de Lorenzo Benito. Barcelona: Imprenta de Henrich e Cia.

SCHUMPETER, Joseph A. (1954). *History of Economic Analysis*. New York: Oxford University Press.

SHIONOYA, Yuichi (2005). *The Soul of the German Historical School: methodological essays on Schmoller, Weber and Schumpeter*. 1<sup>st</sup> ed. Boston: Springer.

STREISSLER, Erich; MILFORD, Karl (1993). "Theoretical and Methodological Positions of German Economists in the Middle of the Nineteenth Century", *History of Economic Ideas*, v. 1/2 n. 3/1, pp. 43 – 79.

TRIBE, Keith (2007). *Strategies of Economic Order: German Economic Discourse 1750-1950*. Cambridge University Press.

VEBLEN, Thorstein (1901). "Gustav Schmoller's Economics", *Quarterly Journal of Economics*, Vol 16, nº 1, pp. 69-93.